

## *Memorial*

“O passado está oculto”, escreve Proust em uma passagem importante de seu romance *Em Busca do Tempo Perdido*, “fora do alcance do intelecto, em algum objeto material (na sensação que esse objeto material nos dará) de que não suspeitamos. E quanto a esse objeto, dependerá do acaso toparmos ou não com ele antes de morreremos.” Esse tipo de memória a que o autor alude e que chamamos involuntária não se empenha em lembrar. Ela está a mercê das coisas do mundo que, a seu modo, refratam uma gramática da existência, onde se incluem, por exemplo, todas as figuras da linguagem: símile, metáfora, metonímia, sinédoque – de tal modo que cada coisa é, na verdade, muitas coisas, as quais em troca dão lugar a muitas outras, dependendo do que está a seu lado, do que as contém, ou do lugar de que foram retiradas. Muitas vezes, por exemplo, falta à figura o segundo termo de uma comparação. Pode ter sido esquecido, ou estar oculto, ou de algum modo se tornar inacessível, até eventualmente ser trazido à tona pelo impulso da memória involuntária.

Outro é o funcionamento da memória voluntária e é essa que está sendo solicitada para os fins do Memorial. A exigência de lembrar, de reconstruir um trajeto, não significa, entretanto, trazer à tona a verdade do passado, mas fazer emergir a potência e a virtualidade que esse passado encerra. Temo que ativar a memória implique em propiciar não só a emergência dos guardados que, de algum modo, se traduzem na vida presente, como também daqueles possíveis não vividos, mas imaginados, ansiados, que alavancam outros futuros além daquele que realmente ocorreu. Sei que essa posição (de matiz benjaminiano) é um pouco obscura para quem tem por tarefa fazer um memorial para fins acadêmicos. Mas toda vez que leio um texto memorialístico, debato-me com a questão: quanto do narrado foi de fato vivido, quanto foi imaginado? Ou, em outras palavras, em que medida é possível escapar da construção do passado? Ordenar o vivido num fio narrativo não implica ficcionalizá-lo? Neste caso, qual o traço que separa a verdade do verossímil?

Por outro lado, espera-se de um memorial que ele forneça o sentido de uma vida acadêmica. Será que no curso de uma vida que é a nossa temos a possibilidade de enxergar esse sentido?

É imbuída de todas as dúvidas que inicio esse texto, no qual a **seleção** apresenta função ordenadora importante. Como a vida é feita de todos os dias e relatá-los é inútil além de impossível, a seleção das informações mais significativas, aquelas capazes de aglutinar e adensar uma direção ao vivido, é que poderá proporcionar um campo de informações adequadas para os fins a que se destina esse memorial.

1. Uma das lembranças mais remotas que guardo do passado é a de uma menina de cerca de quatro anos, que ia de bonde para a “Escola Israelita Brasileira Luís Fleitlich”, no Brás. Ela é a filha do meio de pais judeus-poloneses, que imigraram para o Brasil, no início da década de 30. Da primeira infância ficou uma recordação residual informando que ela gostava muito de histórias, tanto que aprendeu a ler e a escrever sozinha, não se sabe como, e ficou também o ensinamento de que a “cultura” devia ser valorizada acima de todas as coisas que são exteriores e não constituem propriamente a pessoa. A apologia do trabalho, do dever, das obrigações, em detrimento do lazer, vinha por conta, creio, da pobreza e das dificuldades por que passavam seus pais. Do curso primário nessa mesma escola restaram alguns conhecimentos básicos de judaísmo, hebraico, ídiche, e de português, História, Geografia do Brasil. Boa aluna, cadernos em ordem, deveres feitos, sem saber, ela calcava modelos de escrita vindos de onde? “O sol declinava no horizonte...” “A tarde ia morrendo...” A aula de redação era a mais esperada. Inspirada por gravuras que mostravam crianças coradas no campo, à beira de um riacho límpido, tendo ao fundo um céu azul, vinha a sugestão do tema: “Minhas férias no campo”. Naquela época eu me dava conta de que era solicitada a inventar, a imaginar as férias que não tinha gozado. Aos onze anos, acompanhada por um olho do Deus bíblico onipresente e onisciente que me seguia não importa onde, e por uma clara tendência a analisar e a interpretar textos talvez, penso hoje, devido à fala oblíqua de meu pai que nunca dizia coisa alguma diretamente, ingresso numa escola pública - “Domingos Faustino

Sarmiento” - para fazer o ginásio. A primeira prova de português causou um impacto inesquecível. A correção do professor em vermelho dizia: Na próxima prova escreva em português! O veredito da precariedade no uso do idioma pátrio, levou-me a usar obsessivamente o dicionário, prática que me acompanha até hoje. A certeza de estar fazendo mau uso da língua portuguesa e a sensação de que minha identidade passava por um lugar diferente do das demais crianças avultaram como problemas. O primeiro foi sendo superado ao longo do tempo, o segundo inscreveu-me num lugar intervalar responsável pela posição sempre um pouco “gauche”, onde quer que eu esteja. No final do ginásio, a opção por cursar o “Normal” e não o curso “Clássico”, direcionado às Humanidades para o qual era vocacionada, deveu-se à necessidade de pronta profissionalização: formando-me, e seguindo o Seminário de Hebraico na “Escola Renascença”, poderia ser professora e continuar paralelamente os estudos superiores. Já crescida, aos dezoito anos, terminado o Colegial, fui para Israel estudar um ano no “Machon Grinberg” (curso de formação de professores de hebraico). Experiência marcante o convívio com estudantes de outras partes do mundo, num país estranho e ao mesmo tempo familiar. A volta ao Brasil, significou, entre outras coisas, o início da vida profissional, com o emprego no “Colégio Renascença”, onde alfabetizei crianças em língua hebraica, durante três anos. Depois desse período, o Curso de Letras, na Universidade de São Paulo.

2. Resolvi estudar Letras por um motivo apenas: gostava de literatura. Fiz o vestibular em 1962, e optei por cursar Letras Clássicas: Latim, Grego e Português. Meu grande susto foi perceber que entrara num curso porque gostava de ler, mas que teria que *escrever* sobre o lido. O medo de chegar perto do texto, a obrigação de ter de começar a analisá-lo de algum modo, tornavam essa tarefa penosa. Foi preciso dar tempo ao tempo para eu conseguir formular questões objetivas que me conduzissem a um enfrentamento menos aflitivo e mais produtivo com o texto: Como analisar sem mutilar o texto? Como manter intocada a inteireza da obra, tendo de fragmentar para analisar? Essas as questões que me colocava e ainda me coloco, sem falar da sensação horrível de me sentir perdida sempre que inicio um trabalho analítico. Fui aprendendo que essa etapa se repete a cada texto que

se analisa e não há ultrapassagem possível. Depois de um primeiro ano onde, além dos estudos clássicos, tive cursos panorâmicos de Literatura Portuguesa (Prof. Dr. Massaud Moisés), Literatura Brasileira (Prof. Dr. Aderaldo Castelo) e um curso introdutório de Teoria Literária (Prof. Dr. Roberto Schwarz), larguei meu trabalho no “Colégio Renascença” e passei a lecionar literatura brasileira e portuguesa no Cursinho do Grêmio. Aí conseguia pôr em prática o que ia aprendendo e avançar na análise dos textos básicos daquelas literaturas. Daí para frente não mais voltei a lecionar hebraico e os estudos judaicos ficaram para trás. Os professores do curso que, por diferentes motivos, mais me marcaram foram o Professor Cavalcanti ( Língua/Literatura Grega), o Professor Antonio Candido (Teoria Literária), o Professor Décio de Almeida Prado (História do Teatro Brasileiro), o Professor Massaud Moisés (Literatura Portuguesa). O primeiro tentou me convencer a trabalhar com a tradução de textos clássicos, o último convidou-me ao final da graduação a trabalhar na Universidade como Instrutora Voluntária, num período em que rareavam vagas para contratação. Como me interessava a literatura e a arte contemporânea de modo geral, fui deixando para trás os estudos clássicos. Assim, recém graduada, comecei a dar aulas para a graduação, curso diurno e noturno, e, paralelamente, ingressei na pós-graduação em Literatura Portuguesa, que culminou com a dissertação de mestrado – *Antônio Patrício:Ficção e Cosmovisão* -, em torno da obra (teatro e conto) de Antônio Patrício, escritor simbolista português, defendida em 1970. Nessa época começam minhas publicações. Destaco a tradução do italiano do livro

*Território da Arquitetura*, de Vittorio Gregotti. SP, Perspectiva/Ed. Univ. São Paulo, 1975.

Edição didática (introdução, fichas de leitura, questionário e notas de rodapé) de *As pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis, SP, Ed. Cultrix, 1970.

Introdução e notas de rodapé de *A Casa de Pensão*, de Aluísio de Azevedo, SP, ed. Ática, 1977.

Participação na elaboração de verbetes do *Dicionário de Literatura Portuguesa*, SP, Ed. Cultrix, 1973.

Apesar de ter tido a sorte de poder contar com ótimos professores, também aprendi muito na dispersão de minhas leituras do “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*. Absorvia com avidéz críticas, resenhas e ensaios que eram

de nível excelente, e, a partir deles, não só acompanhava o debate de idéias, como observava os estilos dos textos, as estratégias de abordagem textual e a forma de conduzir as idéias. Aprendi também freqüentando quase diariamente a Cinemateca, assistindo a ciclos de cinema e participando da discussão de filmes, indo ao teatro (as grandes encenações do período são inesquecíveis: *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, *O Balcão* e *O Cemitério de Automóveis*, de Arrabal), acompanhando as exposições de artes plásticas, e, principalmente, lendo muita literatura. A música só mais recentemente passou a me interessar. A formação do “gosto” estético não se dá, creio eu, apenas nos bancos escolares e nas exigências de trabalhos e provas. É preciso aventurar-se em muitas direções para ele ir se depurando, o que é fascinante, mas também um pouco assustador, porque se aprende a viver a desestabilização dos modelos fixos.

Por motivos pessoais larguei a Universidade, que, com as marcas da repressão política, esvaziou, deixando de funcionar na saudosa Maria Antônia, e fui viver na Espanha por três anos, e mais nove meses na Itália. Na Espanha trabalhei com jornalismo literário, escrevendo sobre literatura latino-americana, embora esta não fosse minha especialidade. É a partir dessa experiência que nasceu meu apreço pela crítica em jornal. Ela informa diariamente a precariedade de nosso trabalho que acaba sempre na lata de lixo, castrando possíveis anseios de onipotência e permanência no tempo. Na Itália, fiz um curso de Semiologia com o Professor Andrea Bonomi e freqüentei ateliês onde assistia a aulas e debates sobre artes plásticas. De volta ao Brasil, sabia que queria retomar a atividade acadêmica e ter por orientador o Professor Antonio Candido. Ele relutou em aceitar a incumbência, pois estava próximo da aposentadoria, mas assim mesmo pediu-me um projeto de tese. Apresentei o projeto que abrangia o estudo da obra de Dalton Trevisan, e fui aceita, passando, assim, para a Área de Teoria Literária e Literatura Comparada. A admiração por Antonio Candido vinha do tempo em que ele foi meu professor. Sua aula era armada como uma arquitetura perfeita. Nenhuma palavra a mais, nenhuma a menos. A aula vinha escrita, era sempre clara, instigante, começava no horário e nunca ultrapassava o seu tempo. Gentil, amigável, pontual e elegante, ele sabia (e sabe) manter a distância (e a proximidade) certa necessária para o trato com os alunos e orientandos. Democrático, respeitava a orientação que o aluno ou orientando desejava imprimir

a seu próprio trabalho, contanto que alcançasse um nível de qualidade por ele estabelecido. Aprendo sempre com o que leio de Antonio Candido, mas o exemplo é ele, a figura de integridade intelectual e moral rara, com a qual tive a sorte de cruzar.

Eu me pergunto até que ponto escolhemos nossos temas de trabalho, até que ponto somos escolhidos por eles. É certo que as escolhas que fiz não foram aleatórias, embora não soubesse o que as motivava. Passados tantos anos, arrisco uma hipótese. Acredito que os trabalhos duradouros a que me dediquei são baseados em livros que de algum modo me lêem, isto é, eles contêm uma chave, um registro, uma questão, sobre a qual tenho necessidade de me debruçar para saber mais de mim mesma. Não que os textos sejam pretextos para meu auto-entendimento, nem que sobre eles eu faça uma leitura projetiva. Os caminhos da análise não são conscientes e só depois, bem depois, vou percebendo por que meu interesse se prende a alguns textos.

Quanto à base teórica que fui armazenando, ela veio se armando através da leitura dos formalistas, dos marxistas, da Estilística, do “new criticism”, aos quais somei, mais tarde, uma pitada de desconstrutivismo, mas sem uma aplicação rígida e direcionada a uma ou outra linha analítica. Cedo me dei conta de que a adesão estrita a uma teoria facilita a realização do trabalho, mas impõe limitações grandes. Creio que fui naturalmente adquirindo um modo de analisar atento sempre à linguagem, à forma em sentido amplo, procurando me deixar levar pelas especificidades de leitura que cada obra demanda.

3. Em 1975, fui convidada pelo Professor Antonio Candido a integrar a equipe inicial do curso de Letras, que ele formava na Universidade de Campinas. Em julho estava contratada e começava a trabalhar. Havia já na Unicamp um bacharelado em Lingüística, que não reunia condições para ser formalmente reconhecido pelo Conselho Federal de Educação, por não se enquadrar em nenhum dos currículos previstos pelas leis. Nossa tarefa era a de adaptar os alunos bacharelados, ou em vias de se formarem, a um apertado currículo de Letras, com o número mínimo de horas exigido em Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira e Teoria Literária.

Esse momento foi profícuo, pois ajudei a formular os currículos de cursos, as ementas, e estava envolvida num projeto acadêmico amplo que acabou resultando no Departamento de Teoria Literária que segue até hoje, vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem. Durante vinte anos trabalhei nesse departamento, e nele fiz grandes amizades. Entre elas destaco aqueles com quem convivi mais proximamente e com quem estabeleci trocas em nível afetivo e intelectual: Yara Frateschi Vieira, Modesto Carone, Vilma Arêas, Roberto Schwarz, e, do Departamento de Linguística, Carlos Vogt e Cláudia Lemos, sendo esta a primeira leitora de meus trabalhos até hoje. De alguma forma meus escritos se relacionam aos desses amigos, ou porque nos líamos reciprocamente, ou porque realizamos trabalhos conjuntos, ou porque acabei adotando algum modo de tratamento do texto que admirava no trabalho deles. Foi nesse período que produzi a maior parte de meus trabalhos.

Minha tese de doutoramento – *Branco no Branco*, acabou sendo publicada em forma de livro com novo título - *Do Vampiro ao Cafajeste: Uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. (SP, Ed. Hucitec, 1982, 2ª ed. Ed Hucitec/Edunicamp, 1989). Em seguida, escrevi um livro por encomenda sobre a obra de Clarice Lispector: *A Paixão Segundo G.H.* (SP, Ed Brasiliense, 1983), e outro sobre a obra teatral de Nelson Rodrigues (em co-autoria com Carlos Vogt) *Nelson Rodrigues: Flor de Obsessão* (SP, Ed. Brasiliense, 1985).

Como se vê, os três trabalhos voltam-se para autores contemporâneos, e embora muito distintos entre si, relacionam-se em alguns pontos. Do estudo dos contos de Trevisan emergiu a figura emblemática do *cafajeste*, inscrito, a meu ver, numa linhagem que vem do *malandro*, bem situado histórica e ideologicamente a partir do ensaio de Antonio Candido “Dialética da Malandragem” (*Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. SP, 1970, nº 8, pp.67-89).

Sabe-se, a partir desse ensaio, qual foi a trajetória histórica do malandro. Ela tem como ponto de partida a Colônia, inclui o Pedro Malasarte do folclore, passa por Gregório de Matos, pelas *Memórias de um Sargento de Milícias*, e desemboca no século XX em *Macunaíma* e *Serafim Ponte Grande*. Dessa forma, essa figura incorpora uma dimensão folclórica, uma dimensão de época, e um movimento em que está transposto um dinamismo histórico de alcance nacional. Personagem buliçoso, as andanças fazem do malandro um personagem em trânsito e é essa

mobilidade que o torna capaz de inverter as desvantagens em vantagem, pondo em ridículo os símbolos do poder e da hierarquia social. Seu lugar é *entre* classes sociais e seu móvel, a ideologia que aponta para as possibilidades de transformação da pobreza, mas sem colocar em risco a estrutura social.

O cafajeste é uma figura que, como o malandro, co-participa da ficção e da realidade. Mas ele se inscreve à sombra do processo urbano. Seu lugar é sempre deslocado do centro, o bairro, o subúrbio, a província. Produto do capitalismo tardiamente avançado típico do que se chamava Terceiro Mundo, o cafajeste liga-se à esfera da “ordem”, pelo exercício de um trabalho. À margem da metrópole, é dela que lhe chega a matéria de ilusão que tentará em vão alcançar ( a riqueza, a exuberância, a felicidade, a aventura, o individualismo). Para isso, ele lança mão da “cópia”, que passa a ser sua principal atividade simbólica ou ideológica. Como não alcança nenhum desses sinais ilusórios, o cafajeste acaba por caracterizar-se como figura simbolicamente imobilizada, preso a sua classe social e a sua condição.

Foi a figura do cafajeste que me voltou para a leitura da obra de Nelson Rodrigues, ressalvadas as diferenças entre as obras dos autores, que são muitas. Do encontro desses dois escritores nasceu um estudo comparativo “ A pose, a cópia, o cafajeste”, incluído no livro *Caminhos Cruzados* (SP, Brasiliense, 1982), e alguns ensaios voltados aos dois autores ou a um deles: “Abismo de rosas: uma metáfora vertiginosa?” (Revista *Discurso*, SP, nº 7, 1976) “ A linguagem roubada”. ( Revista *Iberoamericana*, University of Pittsburgh, janeiro-julho, 1997, nº 98-99, pp.247-255), “ A propósito de malandros e cafajestes na literatura brasileira” (*La Revista del Sur*, nº 3-4/1985, Malmö, Suécia, pp.87-90), “A medida do cafajeste” (*Os pobres na literatura brasileira.org*. Roberto Schwarz, SP, Brasiliense,1983), verbetes em *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors* (Temps, Center of Latin American Studies, 1981), “La narrativa de Dalton Trevisan: un pedazo en bruto de vida” (Revista *Escritura*, nº 28, julho-dezembro, 1989), “A Cena e o Cio Nacional” , inserido no livro *Toward Socio Criticism: Luso and Brazilian Literatures* (Mineapolis, Center for Latin American Studies, outubro de 1992), “Vestido de Noiva em preto e branco”, capítulo do livro organizado por Sábato Magaldi *Nelson Rodrigues. Teatro Completo*. ( RJ, Ed. Nova Aguilar, 1993), “El imperio de las pasiones: una lectura de las novelas folletín de Nelson Rodrigues”, publicado na



*Revista de Extremadura*,( maio-agosto, 1993, nº 11), além de vários artigos publicados em suplementos literários de jornais e revistas não especializadas. Depois de 1988, resolvi estudar os romances-folhetim de Nelson Rodrigues, por considerar que seu laboratório de criação abarcava a dramaturgia e o romance simultaneamente e, por isso, haveria interferências entre os dois gêneros. Alguns dos trabalhos mencionados tratam do romance de Nelson Rodrigues.

Por outro viés, relacionam-se os trabalhos de Dalton Trevisan e Clarice Lispector. Um dos pontos fundamentais em que me baseei no estudo dos contos de Trevisan foi a análise do modo de constituição do sujeito narrador. A repetição do *mesmo* é marca distintiva da obra desse autor. Verifica-se tanto no nível das personagens que se repetem (João e Maria), das situações vividas (sempre levando à frustração) , das narrativas que retomam o mesmo fio, como também no nível da construção da linguagem, onde as vozes do narrador e das personagens vão se interpenetrando, forjando a construção de um espaço híbrido a partir do qual o leitor já não distingue quem fala. Um exemplo desse tipo de discurso é o *clichê*, um dos responsáveis, em minha leitura, pelo implante do espaço oco no interior da linguagem. Como seu uso predica a ausência de sujeito, a primeira pessoa que “fala” (discurso direto), na verdade é “falada”, transformando-se o discurso direto numa categoria que classifico como “discurso direto livre”.

Voltada à preocupação com o lugar da enunciação e o enunciado, aproximei-me da obra de Clarice Lispector. A autora privilegia em geral o discurso indireto-livre, onde o sujeito da enunciação (narrador) é arrastado por uma força que o atrai para o enunciado (plano das personagens), transformando-se em ausência, marcando, desse modo, na própria origem da narração, a experiência do vazio. O resultado é o discurso atópico, próprio e alheio, no meio-fio entre o *eu* e o *outro*. Desse estudo surgiu o livro já mencionado ( hoje em 2ª ed.rev. e aum., SP, Ed. Escuta,1993), o ensaio em co-autoria com Vilma Arêas “ Eppur si muove”, publicado na Revista *Remate de Males* , do Departamento de Teoria Literária, em número organizado pelas duas, dedicado à obra de Clarice Lispector ( *Remate de Males* , UNICAMP, nº 9 , 1989 ), além de palestras e ensaios em revistas.

Do modo de constituição do sujeito na narrativa, passei a me interessar pelo modo de constituição do sujeito na lírica moderna e contemporânea, estudo mais aplicado em aulas e cursos (durante muitos anos dei um curso panorâmico sobre a

poesia no ocidente) do que propriamente em publicações. A aproximação ao poema que fazia (quase) sempre se dava em três níveis: primeiro procurava descrevê-los como estrutura de palavras; depois, buscava traduzi-los em outra linguagem, o discurso da interpretação, por fim, tentava explicá-los, relacionando as características formais e os significados descobertos às conjunturas específicas enfrentadas pelo poeta. Para entender o processo de dissolução do sujeito na lírica contemporânea estudei o chão histórico e filosófico da modernidade, a partir de Deleuze (G. Deleuze, *Différence e Répétition*, Paris, PUF, 1968) e Lyotard (J.F. Lyotard, “Capitalisme énergumène”, in *Des dispositifs pulsionels*, Paris, UGE, 1973). Para Deleuze, a modernidade implode a representação de um mundo onde tudo encontra seu lugar e identidade de forma plenamente ordenada. As primeiras décadas do século articularam um campo de reflexão e de arte, de produção, e de vida cotidiana, assentado sobre a iminência da crise que vinha se anunciando. O esquema tradicional da representação, em que o objeto, o traço e o som encontram sua medida em algo além deles próprios, não oferece mais as garantias dessa correspondência. As coisas deixam de ser tomadas como continentes de uma substância comum redutível e equiparável, para aparecerem na sua diferença e desmesura radicais. Esse novo mundo sem espessura feito de movimento incessante dispõe os objetos fragmentados e dá aos indivíduos a possibilidade de se localizarem nessa dispersão. Da ruptura da representação, da dissolução e perda das identidades, nascem a experiência e o pensamento modernos. É a partir de uma reflexão que segue esse ponto-de-partida que escrevi alguns ensaios sobre poesia, dentre os quais destaco:

“A poesia ao rés do chão”, apresentação ao livro de poesia de Manoel de Barros *Gramática Expositiva do Chão* (RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1990), e um trabalho sobre a poesia de Alberto Caeiro/Fernando Pessoa “Via de mão dupla” (Revista *Remate de Males*, nº 8, Campinas, Depto. de Teoria Literária, 1988).

Afora os trabalhos vinculados às linhas de força explicitadas, escrevi resenhas e ensaios sobre autores variados: Kafka, Elias Canetti, Ítalo Calvino, Kleist, Modesto Carone, Moacyr Scliar, Hilda Hilst, Zulmira Ribeiro Tavares etc. Dentre todos, destaco um sobre os contos de Carone “As partes do jogo” (co-autoria com Alcyr Pécora) publicado na Revista *Iberoamericana*, Pittsburgh, janeiro-março, 1984, nº 126) ; “Cara e Coroa”, sobre obra de Zulmira Ribeiro Tavares, publicado na *Revista*

da *Biblioteca Mário de Andrade*, SP, vol.52, 1994; sobre a obra de Scliar “ La representación del no judío en la literatura de Moacyr Scliar”, capítulo do livro *El imaginario judío en la literatura de America Latina* (Buenos Aires, Grupo Editorial Shalom, 1992). Sobre a tradução da obra de Kafka ao português, “O exílio em terceira língua”, in Revista *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas.vol.23, junho de 1994.

Em homenagem a Angel Rama, que nos visitara mais de uma vez na UNICAMP, onde deixou muitos amigos e a lembrança de seu brilhantismo e generosidade intelectual, organizei, com Carlos Vogt, dois números da revista venezuelana *Escritura* (nº 27 e 28, janeiro-junho de 1989 e junho-dezembro de 1989) sobre literatura brasileira.

Co-organizei com Luiz Dantas um livro reunindo uma seleção de textos de nosso colega de trabalho e amigo Alexandre Eulálio – também ele morto precocemente ( mais apresentação e notas de rodapé) – *Escritos* - (Campinas, Ed. Unicamp, 1992).

Dirigi com Iumna Maria Simon e Vilma Arêas a coleção de poesia “Matéria de Poesia”, com oito títulos, publicada pela Editora da Unicamp.

Além disso, co-organizei dois números da Revista *Remate de Males*, o nº 2, com Iumna Maria Simon, sobre poesia brasileira contemporânea, em 1981; e o nº 9, com Vilma Arêas, sobre a obra de Clarice Lispector.

Depois de 1988, vivi um período muito “bisbilhoteiro”, de busca de novidades. Datam dessa época várias “orelhas” e apresentações de livros. Em 1989, dediquei-me ao jornalismo literário, de forma sistemática, fazendo crítica de rodapé para o “Caderno Idéias”, do *Jornal do Brasil* (uma matéria por mês), o que exigiu um esforço muito grande, pois tinha de estar atenta aos lançamentos literários, verdadeira corrida contra o tempo; e de forma não sistemática no ano de 1991, quando dividi uma coluna do Suplemento “Artes e Variedades” com Alcyr Pécora, no jornal de Campinas *Correio Popular*.

Com muitos ensaios escritos em jornais e revistas especializadas, apresentá-los em congressos, seminários, era uma obrigação acadêmica. Assim, de 1975 a 1995 participei de 10 congressos nacionais e 12 internacionais (ver relação em Currículo anexo).

Em meados de 1995 aposentei-me da Unicamp, quando, no segundo semestre, estava ministrando, como professora visitante, um curso na pós-graduação do programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, na USP, a convite da Profa. Dra. Rifka Berezin. Aí começa uma outra história.

4. No ano de 1995, minha vida pessoal sofreu um desvio de grandes proporções. A maneira de me manter ativa e não descarrilar, foi prestar um concurso aberto pela reitoria da USP, para preenchimento de seis vagas para professores convidados. Candidatei-me a uma vaga, apoiada pelo departamento de Teoria Literária e pela área de Língua e Literatura Hebraica.

Ganhei a vaga e um contrato de dois anos, mais tarde renovado por mais dois anos. Os requisitos exigidos pelo concurso eram: apresentar um projeto de pesquisa e de curso, além do *curriculum vitae*. Como estava ministrando um curso sobre as interferências judaicas na obra de Moacyr Scliar, ocorreu-me propor a pesquisa em torno da obra de Clarice Lispector, agora estudada por um viés judaico, tarefa difícil, uma vez que a autora não apresenta temas judaicos em seus textos. Se a ausência da matéria não emulava essa abordagem, a busca detetivesca de traços tornou-se estimulante. Lembro que minha reflexão partiu de uma afirmação da narradora de *Água Viva* que dizia de si própria “Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo”. Essa citação ilumina uma complexidade típica da obra da autora como um todo, ao aludir à recusa em resumir em unidade o sujeito em processo, não mais centrado em si mesmo e visto como totalidade, mas revelado em sua fragmentação. Nesse caso, como não pôr em dúvida a afirmação categórica da escritora “Sou inteiramente brasileira, o fato de ter nascido na Rússia não quer dizer nada” ou “ Eu sou judia, você sabe, embora não acredite que o povo judeu seja o povo eleito por Deus. (...) Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto”. Entre as duas últimas afirmações há um hiato que deixa elíptico o caminho reflexivo que levaria ao fecho conclusivo “enfim, sou brasileira, pronto e ponto”. Mas a justaposição das duas afirmações não pode ser lida, a meu ver, de modo disjuntivo; ao contrário, uma não nega a outra e ambas articulam-se numa unidade complexa.

Quando alude às conseqüências da implantação da cultura européia no extenso território brasileiro, dotado de condições naturais se não adversas, largamente estranhas a essa tradição, Sérgio Buarque de Holanda afirma em *Raízes do Brasil*: “Somos uns desterrados em nossa terra”, apontando esse fato como o dominante e o mais rico em conseqüências de nossa formação como povo. Ora, se na matriz dessa formação há instituições, idéias e modos de convívio estranhos à nossa experiência original, um estranhamento similar embora de menor monta se instalaria entre nós quando grandes levadas de imigrantes chegaram ao país em fins do século XIX até meados do século XX, empenhados em radicar-se no campo ou na cidade, invertendo e ressignificando o “mote” do historiador: agora os desterrados são os outros. Quanto tempo dura a impressão do desterro? A resposta é cheia de variáveis. Mas interessa-me analisar a questão no modo como ela se apresenta na literatura. Acentuar a experiência da imigração, do “estrangeiro” na obra de Lispector traduz-se, de meu ponto de vista, não em seu confinamento a um *gueto literário*, mas à valorização do costado judaico de sua ficção como expressão da cultura multiétnica e multicultural brasileira. É o seu texto o lugar intertextual onde se resolvem, numa estrutura discursiva, complexos jogos de equilíbrio protagonizados por diferentes vozes procedentes de diversos registros e fontes. Além de vínculos mais evidentes estabelecidos a partir de fontes bíblicas disseminadas em citações ao longo da obra e da presença do nome da personagem Macabéa alusivo aos Macabeus em *A Hora da Estrela*, venho observando que o trabalho de linguagem que Clarice Lispector empreende, permanece consciente ou inconscientemente fiel à interdição bíblica de delimitar o que não tem limites, de representar o absoluto. Não há propriamente misticismo nesse modo de a autora conceber sua escritura (embora a interdição bíblica se refira à impossibilidade de se achegar à divindade); o que há é uma não-presença a partir da qual e em direção à qual a escritura é acionada. É a ela que a autora alude quando recorre à analogia do ardil da pesca, em *Água Viva*:

“Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu.”

É esse movimento de apófase que vincula, a meu ver, a escritura de Clarice Lispector a um modo de ser judaico, assinalados ambos negativamente, no território do incompreensível, do inominável, do impalpável, do exílio do sentido. Foi por esse caminho que comecei a reler os textos da autora, e a partir dessa pesquisa, geraram-se alguns frutos:

- a inscrição de uma nova área de pesquisa no programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas;
- dois cursos em nível de pós-graduação;
- uma pesquisa financiada pelo CNPq sobre Moacyr Scliar, Clarice Lispector e Samuel Rawet, além de outros autores;
- alguns trabalhos já publicados, dentre os quais destaco os capítulos de livros:

“A Retórica do Silêncio em Clarice Lispector”, in *Silêncios e Luzes: Sobre a Experiência Psíquica do Vazio e da Forma* (org. Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho). SP, Casa do Psicólogo, 1998.

“A distância em elipse: três exemplos de hibridismo”. In *Leituras do Ciclo*. Florianópolis, Editora Griffos, 1999.

“O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A Hora da Estrela*”. In *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998.

Além dos trabalhos publicados, apresentei vários deles em congressos internacionais e nacionais, em conferências, onde divulguei esse estudo em processo. A respeito dos outros dois autores com que trabalho paralelamente, destaco as seguintes publicações:

“Uma visão do judaísmo e marginalidade no Brasil”, in *Revista Noaj*, nº 12-13, Jerusalém, dez., 1997.

“Ahasverus: o judeu errante e a errância dos sentidos”. In *Letterature D’America*. Balzoni Editore, Facoltà di Lettere e Filosofia del l’Università di Roma “LA Sapienza”. Ano XVI, nº 66, 1999.

“*A Majestade do Xingu*” (de Moacyr Scliar). In *Revista Brasil/Brazil*. PUC RS/Brown University, nº 19, Ano XI, 1998.

“O ponto cego: uma visão do judaísmo em *Abama*, de Samuel Rawet”. Anais do 5º Congresso Abralic, vol. 2. Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1998.

Foi justamente esse material que resolvi reunir para apresentar como tese de livre-docência, em novembro de 2001, pois ele marca minha entrada nos estudos judaicos, a volta à Universidade de São Paulo e, além disso, é a essa pesquisa que me dediquei nos últimos anos, apoiada pela Bolsa Pesquisa do CNPq. Espero que até o momento do concurso de titularidade, o trabalho esteja publicado.

Paralelamente a essa pesquisa, venho trabalhando com a literatura hebraica contemporânea, tomando como um dos eixos de estudo a profícua produção voltada às relações entre política e literatura. Mas esse projeto foi iniciado em 1997, por motivos que passo a expor.

Neste ano, no primeiro semestre, faltava professor que ministrasse a disciplina de Literatura Hebraica, em nível de graduação, e eu mantinha o cargo de Professora Convidada e já havia ministrado dois cursos sobre Literatura e Imigração para o Programa de Hebraico e um curso para o Departamento de Teoria Literária, sem a possibilidade de repeti-los imediatamente. Ora, de um lado a falta, de outro a disponibilidade, era só juntar as partes. A Professora Rifka Berezin, ótima argumentadora, convenceu-me a dar os cursos de Literatura Hebraica. Convenceu-me é modo de dizer. Sei que o desafio dessa empreitada me atraía, e aceitá-lo correspondia a alguma necessidade interna minha. Talvez a de retomar alguns fios soltos do passado, ainda que a partir de outra posição. O passo foi ousado, confesso, pois nunca, até então, havia estabelecido algum laço profissional com essa literatura. Assim mesmo, pus-me a estudar e a ler (o que venho fazendo até hoje), tentando entender os textos e colocá-los num contexto cultural, histórico, e no quadro das correntes estéticas internacionais. Insegura, porém movida pelo fascínio do aprendizado de uma nova literatura, fui organizando programas de estudo e de trabalho que acrescentassem cada vez mais dados aos meus conhecimentos. O resultado é ainda insatisfatório, mas aprendi muito durante esse período. Afora o estudo, as leituras, outros laços de amizade e de troca acadêmica foram ampliando suas redes e se firmando. A disponibilidade de informar e orientar das Professoras Rifka Berezin e Nancy Rozenchan; a aliança no enfrentamento de problemas comuns da área selaram a camaradagem com as Professoras Marta Topel e Eliana Langer, sem mencionar outros professores dentre os quais relevo Enrique Mandelbaum, pela prontidão em me ajudar a

resolver dúvidas relacionadas ao judaísmo em sentido amplo, cujas pistas eu nem sabia por onde começar a procurar. Fora da área, mas dentro da vida, a presença marcante da amizade de Jorge Schwartz, interlocutor bem-humorado de assuntos acadêmicos e aleatórios.

Além dos cursos de graduação, ministrei em nível de pós-graduação dois cursos sobre os contos de amor de Agnon, obra das mais complexas que já enfrentei; e participei de um congresso internacional de Literatura Hebraica, apresentando um trabalho comparativo entre duas narrativas, uma de Aharon Appelfeld “Berta”, outra de Clarice Lispector “A menor mulher do mundo”; publiquei uma resenha sobre *Contos de Amor* (SP: Perspectiva, 1996), de Sch. Agnon, no jornal *O Estado de São Paulo*, Caderno Cultura, 1 de julho, 1997; e acabo de escrever um texto sobre a novela de Aharon Appelfeld *Badenheim, 1939*, capítulo de livro a ser publicado pela Editora Iluminuras neste ano de 2002. Além disso, participei com os Professores Andrea Lombardi e Márcio Seligmann-Silva de um curso em nível de pós-graduação sobre Literatura e Holocausto, no segundo semestre de 1999.

Ao longo do ano 2000, iniciamos um grupo interdisciplinar de estudos do Holocausto sediado no Centro de Estudos Judaicos, que segue até o presente; ali discutimos textos, livros polêmicos sobre o assunto, além de projetos dos participantes, com muito bons resultados. Participam do grupo professores da USP de diferentes departamentos de Letras, um professor da Unicamp, uma socióloga da USP, além de professores e alunos mestrados e doutorandos que comparecem para participar de discussões pontuais sobre temas de seu interesse.

Os trabalhos com a literatura hebraica inauguram um período profissional esquizofrênico em minha vida, pois meu interesse pela literatura brasileira não arrefeceu. Assim, continuo lendo e produzindo nesta área, e quero destacar os textos do período que considero mais significativos:

“Mínimo Múltiplo: del cuento al haikai de Dalton Trevisan”, in *Revista Universidad de Mexico*. Univ. Autónoma do México, nº 549, out. 1996, pp. 16-20.

“Figurações da Margem: anotações sobre o texto de Nelson Rodrigues”, in *Revista Travessia*. Univ. Federal de Santa Catarina, nº 28, julho de 1996, pp. 129-158.

“A superfície limpa da forma”, anotações sobre *Resumo de Ana*, de Modesto Carone, in *Jornal Folha de São Paulo* (Jornal de Resenhas), 10 de outubro, 1998.



“Quem fala? Vozes de um sujeito desautorizado”, in Revista *Ficções*. Sette Letras, 2º semestre/1999, Ano II, nº 4, pp.93-102.

Durante o período 1995-2002, participei de 16 congressos nacionais e 12 congressos internacionais. Além disso, preparei, com Yara Frateschi Vieira uma *Antologia da poesia brasileira: 1945-1980*, a ser publicada no primeiro semestre de 2002, na Espanha, A Coruña: Espiral Maior.

5. Não posso deixar de mencionar nesse memorial a importância que atribuo às aulas em minha trajetória acadêmica. Foi quando mudei a posição de aluna para professora que, praticamente, comecei a aprender literatura. Não importa em que nível de curso, nem em que lugar, encaro o desempenho do magistério como uma grande aventura do conhecimento. A interferência dos alunos nas análises de texto, a necessidade de incorporar a contribuição deles e de mudar, muitas vezes, o rumo do estudo analítico do texto tem sido uma experiência sempre enriquecedora para mim. É a imprevisibilidade da cena da aula que me agrada experimentar; ela funciona como uma caixa-de-surpresas capaz de acrescentar novos dados à leitura isolada a que nosso trabalho nos confina. É da participação de múltiplos olhares e vozes em classe que nascem, a meu ver, as boas leituras de textos. Devo muito também a meus orientandos, principalmente porque eles realizam trabalhos seguindo por caminhos próprios que eu não percorreria, o que soma à experiência de interlocução a aventura vicária da elaboração de um trabalho de que participo, acompanho passo a passo, mas não é meu. Mesmo sendo tão fascinante para mim o trabalho didático, ele mal contrabalança os aborrecimentos e o peso que sinto com as funções administrativas que tive e tenho que desempenhar. Chefia de departamento e coordenação da graduação, na Unicamp, coordenação da pós-graduação, na USP, reuniões intermináveis, comissões onde se discute tudo, menos o que, a meu ver, interessa, estratégias de política acadêmica, articulações, relações públicas, nada disso me atrai. Sei que são injunções da vida acadêmica, mas não consigo me desincumbir delas com algum interesse.

“Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto”. É exemplar esse texto de Borges que fecha o livro *O Fazedor* (Jorge Luis Borges, *Obras Completas*, II. SP, Ed. Globo, 1999), porque revela que cada trajeto percorrido (vivido, imaginado, sonhado) é sempre pessoal, e cada rosto, um mapa dessa construção. Que esse memorial que escrevo e me escreve, pródigo em digressões e interpolações, sirva para trazer à tona um trajeto acadêmico, pondo em relevo, como acontece na vida, o que fiz e também o que deixei de fazer.

Berta Waldman  
abril de 2002

## CURRICULUM VITAE

## I. DADOS PESSOAIS

Nome: Berta Waldman

Data de nascimento: 18/04/1940

Local: São Paulo (capital)

CIC: 197.229.408-30      RG: 1.264.678-7

Endereço: Rua Fradique Coutinho, nº 294, aptº 42B

Cep: 05416-000 - Pinheiros - São Paulo

## II. FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

1960-1961 - Curso de Língua e Literatura Hebraica. Machon Chaim Grinberg - Jerusalém - Israel.

1962-1965 - Bacharelado e Licenciatura em Língua e Literatura Brasileira e Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1966-1967 - Pós Graduação em Literatura Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1970 - Mestrado em Literatura Portuguesa. Título da tese: *Antônio Patrício: Ficção e Cosmovisão*.

Orientador: Prof. Dr. Massaud Moisés.

1972 - Curso de Teoria Literária (ouvinte). Universidade Estadual de Barcelona, Espanha.

1973 - Curso de Filosofia da Linguagem (ouvinte). Universidade Estadual de Milão, Itália. Seminários coordenados pelo Prof. Dr. Andrea Bonomi.

1974 - Curso de Semântica (ouvinte). École Pratique des Hautes Études. Vie. séction, Paris, França. Prof. Dr. Oswald Ducrot.

- Curso de Semiologia e Teoria Literária (ouvinte). École Pratique des Hautes Études, Vie. séction, Paris, França. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Julia Kristeva.

1976 - Curso em nível de pós-graduação (aluna regular) de Semântica Argumentativa I e II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Prof. Dr. Carlos Vogt.

1977 - Curso em nível de pós-graduação (aluna regular) de Teoria Literária. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Prof. Dr. Bóris Chnaiderman.

1981 - Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada. Título da Tese: *Branco no branco*. Orientador: Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza.

2001 – Livre Docência em Literatura Hebraica e Literatura Brasileira e Imigração Judaica no Brasil (21 de novembro)

2002 - Titular em Língua e Literatura Hebraica.

### III. ATIVIDADES DOCENTES

1960-1963 - Professora de Língua e Literatura Hebraica. Colégio Renascença, São Paulo (SP).

1963-1967 - Professora de Língua e Literatura Brasileira e Portuguesa. Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1967-1970 - Professora de Redação. Cursinho "Anglo-Latino", São Paulo. 1965-1970 - Professora de Literatura Portuguesa (Instrutora Voluntária). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1965-1966 - Professora de Literatura Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto.

1967-1971 - Professora de Português e de Literaturas em Língua Portuguesa (curso colegial). Colégio "Nossa Senhora de Sion", São Paulo (SP).

1974 - Professora de Literatura Brasileira, Cursinho "Equipe Vestibulares", São Paulo (SP).

1975 - Professora de Literatura Portuguesa. Faculdade Ibero-Americana, São Paulo (SP).

1975-1995 - Professora no Departamento de Teoria Literária (UNICAMP/IEL).

1979 – Curso de treinamento de professores secundários do Estado de São Paulo, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura (MEC).

1981 – Curso de treinamento de professores secundários do Estado de São Paulo, promovido pela Secretaria de Educação e Cultura (MEC).

1996- Professora Colaboradora no Departamento de Teoria Literária (UNICAMP/IEL).

1995 – Professora Convidada –USP, 2º semestre, junto ao Programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas.

1996 – 1998 – Professora Colaboradora junto à área de Língua Heb., Literatura e Cultura Judaicas, USP.

1999- 2000- Professora Visitante junto à área de Língua Heb., Literatura e Cultura Judaicas, USP.

2000 – Professora efetiva da área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, USP.

1975 - Participação no Seminário de Teoria Literária, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Cândido de Mello e Souza. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1977 - Participação no seminário de Teoria Literária, coordenado pelo Prof. Dr. Paul Zumthor, UNICAMP.

1978 - Participação de uma série de seminários apresentados por docentes do Departamento de Teoria da Literatura da UNICAMP, em torno das grandes obras da Literatura.

1979 - Participação no seminário de Filosofia e Poesia, coordenado pelo Prof. Dr. Benedito Nunes, UNICAMP

#### IV. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E OUTRAS ATIVIDADES

1977 - Representante dos professores (MS-2), do Departamento de Teoria Literária, junto ao Colegiado do Instituto de Estudos da Linguagem.

1978 - Membro da Comissão de Horário e da Comissão de Graduação do Departamento de Teoria Literária, UNICAMP.

1979 - Membro da Comissão de Redação da Revista *Remate de Males* e da Comissão de Atividades Culturais do Departamento de Teoria Literária do IEL, UNICAMP

1980 - Membro do Colegiado do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

1981 - Membro do Colegiado do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

1982 - Membro da Comissão de Graduação do Departamento de Teoria Literária, UNICAMP.

1983 - Membro da Comissão de Graduação do Departamento de Teoria Literária, UNICAMP.

1982-1983 - Membro da Comissão de Redação da Revista *Remate de Males*.

1983-1984 - Sub-coordenadora da Graduação do Departamento de Teoria Literária, UNICAMP.

1989 - Membro da Congregação do IEL, UNICAMP.

1989 a 1992 - Membro da Coordenadoria de Ciências Humanas da FAPESP.

1991-1995 - Membro da Congregação do IEL, UNICAMP.

1991- 1995 - Chefe do Departamento de Teoria Literária, do IEL, UNICAMP.

1997 - a partir de agosto de 1997, coordenadora da pós-graduação, da área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, DLO, USP.

#### V. Participação em Congressos e Simpósios

1. Mesa redonda (coord. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yara Frateschi Vieira) "História da Literatura". XVIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 20-22 de outubro de 1977.

2. 34<sup>a</sup> Reunião da SBPC, literatura e antropologia (coord. Prof. Dr. Peter Fry) 7-14 de julho de 1982.

3. Seminário "A Ficção mineira II: de Guimarães Rosa aos nossos dias". promovido pelo Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Tema da mesa: A Narrativa Fantástica, 1982.

4. Semana de Letras da PUC-Campinas, com a conferência "Nelson Rodrigues e o Teatro Brasileiro". 30/07/85

5. IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos - Seção Brasileira - 26 a 27 de abril de 1988.

6. V Congresso Internacional de Investigadores sobre Judaísmo Latinoamericano. Buenos Aires, 14 a 18 de agosto de 1980.

7. Luso Brazilian Literatures: A socio-critical approach, University of Minesota, Department of Spanish and Portuguese Mineapolis. 21-22 de outubro de 1988. Título da apresentação: "A cena e o cio nacional: os folhetins de Nelson Rodrigues".

8. XXXVI encontro do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos). Participação em mesa redonda coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yara Frateschi Vieira, com o título "Figurações do Narrador na História". Título de minha comunicação "O Narrador em Dalton Trevisan". São Paulo, 23/06/89.
9. Seminário "O olhar judaico. Perspectivas na cultura brasileira", promovido pelo CIEC (Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos) UFRJ, 30 de agosto a 12 de setembro, 1989. Título da mesa: "O povo do livro". Título da comunicação: "Tradição e confissão: Uma leitura da obra de Moacyr Scliar".
10. XXXV Seminar on the Acquisition of Latin American Library Materials SALALM - Library of Congress, Washington D.C. Título da comunicação: "O conto brasileiro contemporâneo". Novembro, 1989.
11. Coordenação do Workshop "O Melodrama na América Latina"- IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL). 06 a 10 de agosto de 1990.
12. 3º Encontro de Escritores Judeus Latino-Americanos. São Paulo, 11 a 15 de agosto de 1990. Título da conferência. "Uma descoberta do Brasil: a representação do não-judeu na literatura judaica de Moacyr Scliar".
13. IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL) Coordenadora do Grupo de Trabalho "Literatura Latino-Americana: O melodrama na América Latina", Campinas, Unicamp, 8-10 de agosto de 1990. Apresentação do trabalho: "O melodrama é nosso".
14. X Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária. Campina Grande, Paraíba, 16-21 de setembro de 1990. Título da conferência: "O ócio e o cio nacional".
15. 46ª Reunião Anual da SBPC. Título da mesa redonda: "Poesia Brasileira e Contemporânea. A visão dos críticos". Título da comunicação: "Um itinerário poético do chão: a poesia de Manoel de Barros" - Rio de Janeiro –
16. julho de 1991. Seminário Brito Broca. Título da mesa-redonda: "Brito Broca e Alexandre Eulálio: Afinidades Eletivas". Título da comunicação: "Brito Broca e Alexandre Eulálio: dois viajantes": - UNICAMP. 17 de agosto de 1991
17. "Estado actual de los estudios literarios latino-americanistas", 27 a 31 de janeiro de 1992, Granada, Espanha. Título do trabalho: "O outro lado da norma: uma ética e uma estética cafejeste".
18. IV Encontro de Escritores Judeus Latino-Americanos. Coordenadora da mesa-redonda "Expulsão e Persistência na Literatura Judaica: inquisição, diásporas, e enraizamento", 08 a 13 de agosto de 1992. Buenos Aires, Argentina.



19. Congresso Internacional "América 92: Raízes e Trajetórias". Título do trabalho: "Não Matarás: um esboço da figuração do crime na obra de Clarice Lispector"- USP, 16 a 20 de agosto de 1992
20. XII Encontro da Associação de Professores de Língua e Literatura (USP) 22 de outubro de 1992. Título do trabalho: "O crime em Clarice Lispector" . .
21. Primer Congreso Internacional de Crítica Literária Argentina y Latinoamericana: "La Literatura Latinoamericana y las minorias culturales". 20 a 30 de junho, 1993. Título do Trabalho: "A transgressão da lei em Clarice Lispector".
22. " I Encontro do Centro de Estudos Portugueses do Brasil". Título do trabalho: "A propósito dos 123 haicais de Dalton Trevisan"- 27 a 30 de setembro de 93, USP, São Paulo.
23. IV Encontro em torno da obra de Nelson Rodrigues. Teatro Cultura Artística. Título do trabalho: "Nelson Rodrigues em três tempos", 11/93, São Paulo.
24. IX Moitará, Campos de Jordão, 26-28 de novembro de 1993. Título da conferência: "A cena e o cio nacional".
25. IV Congresso ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada. Título do Trabalho. "Literatura de imigração judaica no Brasil: três casos", 08/94, USP/FFLCH, São Paulo.
26. Congresso de Literatura e História. Programa de pós-graduação em Teoria Literária do IEL/Programa de pós-graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp. 26-30 de setembro de 1994. Título do trabalho: "Construção e desmitificação da figura do herói
27. Biblioteca Municipal Mário de Andrade, Semana Comemorativa dos 50 anos de estréia literária de Clarice Lispector. 5 a 9 de dezembro, 1994. " A hora da Estrela"
- .28. Coordenação do Painel "Literatura de Imigração no Brasil", XLIV Gel - Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Taubaté - 23 a 25/05/96
29. "O Ponto Cego: a visão do judaísmo na novela *Abama*, de Samuel Rawet", XLIV GEL - 23/05/96.
30. Participação do XI Encontro Nacional da ANPOLL - João Pessoa, Paraíba, 02 a 06/06/96
31. Palestra no Pavilhão da Fundação Bienal . Título: "O ovo e a galinha " (de Clarice Lispector), São Paulo, 24 de junho de 1996
32. Participação do V Congresso Internacional ABRALIC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 30/07 a 02/08/96; Coordenação da sessão de comunicações: "Tecendo Discursos" e expositora do trabalho: "Uma visão do judaísmo, em *Abama*, de Samuel Rawet".

33. Participação do Programa “Poesia Hoje”, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, Biblioteca Viriato Correia. Mesa Redonda: “A poesia de Manoel de Barros”, 07/08/96.
34. III Encontro Bienal, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Título do trabalho: “A retórica do silêncio na obra de Clarice Lispector”, 16-17/11/96.
35. Participação da Mesa Redonda “A literatura brasileira hoje”, com o trabalho “Panorama do conto brasileiro contemporâneo”. Casa de las Américas, Havana, Cuba, 23 de janeiro de 1997.
36. Mesa Redonda: “Aventuras de uma língua errante: ensaios de língua e literatura ídiche”. Homenagem a Jacó Guinsburg. Participação com o trabalho “Anotações sobre o teatro ídiche em São Paulo”, 20 de maio de 1997.
37. Encontro “Clarice em questão”. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras. 19 de junho de 1997. Título da Conferência: “A retórica do silêncio em Clarice Lispector”.
38. Simpósio de Estudios Arabes, Al-Andalus. Santiago de Compostela - España, 7 a 8 de julho de 1997.
39. 12º Congresso Mundial de Estudos Judaicos. Jerusalém, Israel, 29 de julho a 5 de agosto, 1997. Apresentação do trabalho: “O estrangeiro em Clarice Lispector”.
40. Debatedora de Conferência “Na Colônia Penal”, de Franz Kafka, proferida pelo Prof. Dr. Guershon Shaked (Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel). Deptº Teoria Literária, IEL - UNICAMP, 24 de setembro de 1997
41. Participação do evento “20 anos sem Clarice”. Conferência de encerramento : “O estrangeiro em Clarice Lispector”. PUC de Porto Alegre, 4 a 6 de novembro de 1997.
42. Participação do evento Diversidade e Integração Cultural no Brasil. Seminário: A imagem do imigrante na Literatura Brasileira. “A literatura de imigração judaica no Brasil: três casos”. Memorial da América Latina, SP, 3 de dez, 1997.
43. VI Abralic 18 a 22/08/98 – Florianópolis. “A distância em elipse: três casos de hibridismo cultural”. “A letra e a lei em Clarice Lispector”.
44. Congresso NAPH 1998 (The National Association of Professors of Hebrew) 7 a 9/6/98 — New York – USA. Título do Trabalho: “Two Little Women”/ “Duas Mulherzinhas: comparação entre Pequena Flor (“A Menor Mulher do Mundo, C. Lispector) e Berta (“Berta”, Aharon Appelfeld)”.
45. Literatura, Filosofia e Psicanálise — PUC/SP, (coord. Dr. Márcio Seligmann-Silva) 7-14-21/11/98. Título do Trabalho: “O lugar do sujeito na narrativa de Dalton Trevisan”.

46. IX Congreso de la Federación Internacional de Estudios de América Latina y el Caribe – FIEALC 99. 12-15/04/99 – Tel Aviv, Israel. Título do trabalho: “Xeque mate: o Rei, o Cavalo e a Barata, em *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector”.
47. II Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos – 22-25/11/99, Rio de Janeiro. “Sobre índios e judeus: a construção de um objeto híbrido em *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar”.
48. Organização do Workshop “Integração Curricular do Pensamento Judaico na Filosofia Contemporânea: de Espinoza a Lévinas” – Projeto acadêmico do International Center for University Teaching of Jewish Civilization – The Hebrew University of Jerusalem, 12-13/08/99.
49. Debatedora da mesa “Literatura: Biografias, Jornalistas e Escritores”. 16 Bienal Internacional do Livro, realizada no Expo Center Norte, 05 de maio de 2000
50. Participação do V Congresso Internacional da BRASA, Recife. 19-23 de junho, 2000. Título do trabalho: Tradução e interpretação em *Variações Goldman*, de Bernardo Ajzenberg.
51. Participação do 50 ICA – 50 Congreso Internacional de Americanistas, Varsóvia, Polônia. 10-14 de julho, 2000. Título do trabalho: Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX.
52. Co-organização do II Workshop Internacional de Estudos Judaicos no Brasil. Tema geral: A inserção dos judeus no Brasil hoje. Em conjunto com o International Center for University Teaching of Jewish Civilization – Universidade Hebraica de Jerusalém, 11-12 setembro, de 2000.
53. Participação do II Workshop Internacional: A inserção dos judeus no Brasil hoje. 11 – 12 de setembro, de 2000. São Paulo/USP. Título do trabalho: Fora do judaísmo/dentro do Brasil.
54. Participação do simpósio internacional “Brasil: 500 anos depois”. Universidade de Santiago de Compostela. 6 –11 de novembro, de 2000. Título do trabalho: Prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX.
55. Participação do I Encontro do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. São Paulo, 22-24 de junho, de 2001. Título do trabalho: Alguns elementos da construção do judaísmo no Brasil a partir da leitura de *O que aconteceu, aconteceu*, de Jacó Guinsburg.
56. Participação do Thirteenth World Congress of Jewish Studies. Jerusalém/Israel, 12-17 de agosto, 2001. Título do trabalho: A figuração do judaísmo no Brasil através das narrativas de Jacó Guinsburg.

57. "Por causa do Pior" "Os passadores do pior: Beckett, Blanchot e alguns outros". Debatedora da conferencista Dominique Fingermann. S.Paulo, 25 de outubro, 2002 Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano(SP)& Escola de Psicanálise de Campinas

58. XI Congresso LAJSA: A construção da Identidade Judaica na América Latina, 23-26 de junho, 2002, Rio de Janeiro. Título da apresentação "Do exílio geográfico ao exílio da linguagem" Coordenação da mesa: "A alteridade judaica na literatura latino-americana".

59. Co-organização do *workshop* internacional "Identidades coletivas, anti-semitismo e representações da alteridade" 22-23 agosto, Programa de pós graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas –USP

60. *Workshop* "Identidades Coletivas....". Título do trabalho apresentado: Duas figuras fora de foco: a judia e o soldado alemão. 22 de agosto, 2002/ USP

61. 1º Simpósio da pós graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas.

Debatedora da mesa "Expressões literárias". 30 de setembro, 2002- USP.

62. III Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos, UERJ, 23-25 de abril, 2002. Rio de Janeiro-RJ. " Sobre romãs, maçãs e outros furtos: uma leitura da poesia de Lúcia Aizim"

63. Participação da Comissão de Avaliação dos trabalhos submetidos à 54ª Reunião Anual da SBPC, 7 – 12 julho, de 2002, Univ. Federal de Goiás, Goiânia.

## VI. Conferências e Palestras

1969 - Curso de extensão cultural: três conferências onde se situavam as diretrizes da literatura portuguesa contemporânea. Faculdade "Sedes Sapientiae"(SP).

1971 – Conferência: "A Literatura Contemporânea da América Latina". Grupo Colméia/SP.

1979 - "Intertextualidade na obra de Dalton Trevisan". Conferência ministrada na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), durante a III Semana de Letras, 17/10/79.

1987 - "Os Romances-Folhetim de Nelson Rodrigues", parte do ciclo "Nelson Rodrigues: a poética da transgressão" - Teatro SESC Anchieta - 07/11/1987.

1989 - "Dalton Trevisan e Rubem Fonseca". Conferência. Semana de Letras da UNICAMP - 06/09/89.

1990 – “A situação da Crítica Contemporânea no Brasil”. IX Seminário Internacional de Semiótica e Literatura 16 de setembro.

1992 - "A Morte em Clarice Lispector" - USP/APLL, 23/10/92.

1993 - "Nelson Rodrigues em três tempos" - Campos do Jordão Sociedade de Psicologia Analítica de São Paulo, 26 a 29/11/93.

1994 - "Literatura de Imigração Judaica: três casos", Universidade do Estado do Rio de Janeiro- 24 a 26/10/94.)

1995 - "Nelson Rodrigues e Dalton Trevisan"- Universidade de Roma "La Sapienza" - Roma - Itália - 06/06/95.

1997 - “Uma literatura na interseção entre duas culturas: Juó Bananese e Antônio Alcântara Machado” - palestra para alunos e docentes do Departamento de Teoria Literária, FFLCH-USP.

1997 – Conferência: “O estrangeiro em Clarice Lispector”, Academia Brasileira de Letras, 10/ 12, RJ.

1998 – “Judaísmo: representações estéticas”. Curso de difusão cultural: Arte e Cultura no Oriente. Depto. de Línguas Orientais, FFLCH/USP, 6 de maio

1998 – “A letra e a lei no texto de Clarice Lispector” , Centro de Estudos Gerais – CEG, Depto. de Línguas e Letras, Pós Graduação, Univ. Federal do Espírito Santo, 27/11/98.

1998. “Um encontro com Clarice Lispector”, Laboratório de Estudos Urbanos LABEUB/NUDECRI – Unicamp, 24 de julho, 1998.

1998 – “Apresentação da obra de Dalton Trevisan”, Evento Per happiness, Memorial de Curitiba, 29 de novembro.

2001- “ Interferências judaicas na literatura brasileira do século XX”. Grupo Shachar de São Paulo. 22 de abril, 2001.

2001 - Saudação ao Professor Jacó Guinsburg, por ocasião da atribuição do título de “Professor Emérito”, pela ECA, Universidade de São Paulo, 25 de agosto.

2002- “Judeus imigrantes: entre o testemunho e a ficção” Congregação Israelita Paulista (CIP), São Paulo, 16 de abril, 2002 .

## VII. Atividades fora da Unicamp

1994 - Júri do Concurso: XVIII Prêmio Guimarães Rosa - Secretaria de Cultura de Minas Gerais - 20/09 a 21/11/94.

1995 - 2º semestre - Professora convidada do Centro de Estudos Judaicos da USP, para ministrar o curso "Literatura de Imigração Judaica no Brasil: Samuel Rawet e Moacyr Scliar", em nível de Pós-Graduação.

1996-1998 - Professora Colaboradora, com pesquisa e docência junto à área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, DLO/USP.

1996 – Júri do Prêmio Jabuti de poesia, Câmara Brasileira do Livro.

1997 – Júri do Prêmio Casa de las Americas, Havana, Cuba (janeiro)

## VIII. Trabalhos Publicados

Livros, capítulos de livros:

1. Edição didática (introdução, fichas de leitura, questionário e notas de rodapé) de *As Pupilas do Senhor Reitor*, Julio Dinis. S.P: Ed. Cultrix, 1970.
2. *Dicionário de Literatura Portuguesa* (colaboração). SP: Ed. Cultrix, 1973.
3. Introdução à obra de Moacyr Scliar *A Balada do Falso Messias* (co-autoria). SP: Ed. Ática, 1976.
4. Prefácio ao livro de Álvaro Cardoso Gomes *Teia de Aranha* (co-autoria). SP: Ed. Ática, 1977.
5. Introdução e notas de rodapé de *A Casa de Pensão*, Aluísio Azevedo. SP, Ed. Ática 1977.
6. *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors* (colaboração). Tempe, Center for Latin American Studies, 1981.
7. "A pose, a cópia, o cafajeste" (capítulo de livro), in *Caminhos Cruzados* (Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais). SP: Brasiliense, 1982, pp. 89-97.
8. *Do Vampiro ao Cafajeste. Uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. (livro) SP/Curitiba, Ed. Hucitec/Secretaria da Cultura e Esporte do Paraná, 1983.
9. "A medida do cafajeste"(capítulo de livro), in *Os pobres na Literatura Brasileira* (org. Roberto Schwarz) . SP: Brasiliense, 1983, pp. 201-204.
10. *A Paixão Segundo Clarice Lispector*.(livro) São Paulo: Brasiliense, Coleção Encanto Radical, nº 33, 1983, pp.1-106.
11. *Nelson Rodrigues: Flor de Obsessão*. (livro) (co-autoria). SP: Brasiliense, 1985, pp.1-93.

12. "A poesia ao rés do chão" , apresentação da poesia de Manoel de Barros, in *Gramática Expositiva do Chão*. RJ: Civilização Brasileira, 1990, pp.11-33.
13. Prefácio de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida. SP: FTD, 1992.
14. Organização com Professor Luiz Dantas do livro *Escritos*, de Alexandre Eulálio. Apresentação, seleção, notas de rodapé. Campinas: Ed.UNICAMP, 1992.
15. Apresentação do livro de Eustáquio Gomes - *Os Rapazes da Onda*. Campinas: Ed. Pontes, março de 1992.
16. "La representación del no judío en la literatura de Moacyr Scliar" (capítulo de livro) in *El imaginario judío en la literatura de America Latina*. Buenos Aires: Grupo Editorial Shalom, 1992, pp. 84-90.
17. "A Cena e o Cio Nacional" (capítulo de livro), in *Toward Socio Criticism: Luso Brazilian Literatures*. Mineapolis: Center for Latin American Studies, outubro de 1992, pp 75-87..-
18. Prefácio de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. SP, FTD, 1992.
19. "O conto brasileiro contemporâneo", (capítulo de livro), in *Seminar on the Acquisition of Latin American Library Materials*. New México: General Library, University of New México, 1992, pp. 175-181.
20. *A paixão segundo Clarice Lispector* (2ª ed. rev. e aum.). (livro) SP, Ed. Escuta, junho de 1993, pp.1-181.
21. "O melodrama é nosso"(co-autoria), in Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL). Campinas, Universidade Estadual de Campinas, IEL, outubro de 1993, pp. 557 a 567.



22. “Vestido de Noiva em preto e branco” (org., prefácio de Sábato Magaldi) (capítulo do livro), in *Nelson Rodrigues. Teatro Completo*. RJ: Ed. Nova Aguilar, 1993, pp. 196-203.
23. Apresentação do livro de Lúcia Helena *Nem Musa nem Medusa* . RJ: Ed. UFRJ, 1997, pp. 11-14.
24. “A Retórica do Silêncio em Clarice Lispector”, (capítulo de livro), in *Silêncios e Luzes: Sobre a Experiência Psíquica do Vazio e da Forma* (org. Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho). SP: Casa do Psicólogo, 1998, p.283-294.
25. “O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A Hora da Estrela*”, (capítulo de livro), in *Clarice Lispector: a narração do indizível*.(org. Regina Zilberman). Porto Alegre, Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998, p.93-105.
26. “A distância em elipse: três exemplos de hibridismo” (capítulo de livro), in *Leituras do Ciclo*. Florianópolis: Editora Griffos, 1999, pp.147-157.
27. Colaboração com verbetes, em inglês, das obras de Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Clarice Lispector, Jorge Schwartz, na *Encyclopedia of Contemporary Latin American and Caribbean Cultures*. (ed. Daniel Balderston, Mike Gonzalez, Ana M.López) London/NewYork: Routledge, 2000, pp. 1493, 1357, 1358, 1296.
28. “Uma Leitura de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector” (capítulo de livro) Em *Judaica Latinoamericana (Estudios Histórico-Sociales)*, vol IV, Jerusalem: Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea, 2001, pp. 379-301.
29. “Decifrar Clarice” , em *Jornal de Resenhas*.(org. Milton Meira do Nascimento), vol.I, São Paulo: Discurso Editorial, 2001, p. 46.
- 30.”O Bom Retiro do Xingu”, “ A superfície limpa da forma”, em *Jornal de Resenhas* (org. Milton Meira do Nascimento), vol.II, São Paulo: Discurso Editorial, p.1029 e p. 1267

31. Organização com Yara Frateschi Vieira de *Antologia da Poesia Brasileira: 1945-1980*. A Coruña: Espiral Maior, no prelo.

#### Tradução

28. Tradução do italiano de *Território da Arquitetura*, Vittorio Gregotti, SP., Ed. Perspectiva/Ed. Univ. São Paulo, 1975.

29. Tradução do hebraico (com Tal Goldfajn e Roney Cytrinowicz) do poema de Yehuda Amichai "Lamentações aos mortos de guerra". Revista *Poesia Sempre*. ano 5, nº 8, RJ: Biblioteca Nacional, 1997.

#### Artigos

30. 1972-1973 - Série de artigos e resenhas para o jornal *Diario de Mallorca* (Espanha), seção "América Latina".

31. "Vampiros sem asas". Jornal *Movimento*, SP, 27/10/75, p. 22.

32.. "Metacorações solitários". Jornal *Movimento*, SP, 19/10/76, p. 21.

33. "Abismo de rosas. uma metáfora vertiginosa?". Revista *Discurso*, SP, 1976, nº 7, p. 239-244

34. *Diário do Paraná*, 14 de abril de 1977, p. 3.

35. "Os deuses de Raquel". Revista *Língua e Literatura*, SP, nº 6, 1977, p. 311-314

36. "Crítica e paixão pela arte esquecida". Revista *Isto É*, SP., 28/09/77, nº 10, p. 50

37. . "Como enfrentar a leitura da obra literária". Revista *Isto É*, SP, 31/08/77, nº 36, p. 61.

38. "Surpresas do gênio nessa incrível arte de se repetir". Revista *Isto É*, SP, 04/01/78, nº 51, p. 49.

39. O Velho Rosa entre o mito e a tradição popular". Revista *Isto É*, SP, 10/05/78, nº 72, p. 57.

40. "As andanças do Vampiro: recriando ou repetindo?" Jornal *Gazeta Mercantil*, SP, 26/05/78, p.5.

41. "Armadilha para o real". Revista *Remate de Males*, Campinas, 1978, nº 1, p. 63-70.

42. "A evolução da crítica literária". Suplemento Cultural de *O Estado de São Paulo*, SP, 28/1/79, nº 117, p. 15-16.
43. "A linguagem roubada". Revista *Iberoamericana*, University of Pittsburgh, janeiro-junho de 1977, nº 98-99, p. 247-255.
44. "Agruras, angústias, anseios da classe média. Abismo de rosas." Jornal *Diário do Paraná*, 14 de abril de 1977, p.3.
45. *Revista Contexto*, SP, novembro de 1977, nº 4, p. 83-91.
46. "A imprensa marrom e a literatura". In *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o Segundo Grau*, vol. II, MEC, 1978.
47. "Correio Sentimental em questão. Ismênia, a ex-moça donzela". In *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o Segundo Grau*, vol II, MEC,. 1978.
48. "Moderna Ficção Brasileira". Revista *Isto É*, SP, 28/3/1979, nº 118, p. 78.
49. "Vinte Contos Menores" e "Primeiro Livro de Contos", Revista *Isto É*, SP., 25/4/79, p. 57
50. "Virgem Louca, Loucos Beijos". Revista *Isto É*, SP, 5/12/1979, nº 154, p. 58.
51. "Aos pés de Matilda". Jornal *Leia Livros*, SP, 15/11/1980, p. 4.
52. "As Partes do Jogo". (co-autoria). Revista *Discurso*, SP, 1º semestre de 1980, nº 12, p. 99-112
53. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, janeiro-março de 1984, nº 126, pp. 101-112.
54. "Abadon, o Exterminador". Revista *Isto É*, SP, 22/07/1981, nº 289, p. 8.
55. "A Asa Esquerda do Anjo". Revista *Isto É*, SP, 17/06/1981, p. 4-5.
56. Co-organização de "Rebate de Pares", Revista de Coleção *Remate de Males*, nº 2, Campinas, IEL/Funcamp, 1981.
57. "A medida do cafajeste". Revista *Novos Estudos Cebrap*, vol. 1, nº 2, abril de 1982, p, 46-47.
58. "A paixão de Clarice segundo Clarice". Jornal *Correio Popular*, Campinas, 12 de setembro de 1982, Suplemento Cultura, p.4-5.
59. "O brasileiro é mesmo um 'malandro' ?". Jornal *Correio Popular*, Campinas, 27 de junho, 1982, Suplemento Cultura, p. 4.
60. "Um vampiro entre mulheres". Jornal *Correio Popular*, Campinas, 20 de fevereiro, 1983, Suplemento Cultura, p.6.
61. "Uma visão "pop" e hiper realista do mundo". Jornal *Correio Popular*, Campinas, 13 de março de 1983, Suplemento Cultura, p.4.
62. "Meu Querido Assassino". Revista *Isto É*. São Paulo, 30/11/1983, p. 80.

63. "Maternidade 26 de desenhos de Almada Negreiros". Revista *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, nº 2, novembro de 1983, p. 145-146.
64. "Graça, ironia e denúncias". Revista *Isto É*, SP, 04/01/1984, nº 367, p. 58-59.
65. "Ficção Maior de Portugal". Revista *Isto É*, SP, 18/1/1984, nº 369, p. 67-68.
66. "Vento novo em nossa ficção". Revista *Isto É*, SP, 7/8/1984, nº 376, p. 59.
67. "História de lutas e conflitos". Jornal *Leia Livros*, SP, 15 de abril a 14 de maio, 1984, nº 67, p. 17-18.
68. "Contradições lobatianas". Revista *Isto É*, SP, 9/5/1984, nº 385, P. 77.
69. "O romance folhetinesco de um escritor esperto". Jornal *O Estado de São Paulo*, SP, 07 de outubro de 1984, Folha Ilustrada, p. 61.
70. "Na mira das vergonhas encobertas". *Folha de São Paulo*, Folhetim, nº 438, 16 de junho de 1985.
71. "A Estrela Desce". *Folha de São Paulo*, Folhetim, nº 441, 07 de julho de 1985.
72. "Franz Kafka e Seu Pai - A Carta e o Petardo". Jornal *Folha de São Paulo*, Folha Ilustrada, 10º Caderno, 15 de junho de 1986, p. 104.
73. "Opressivos laços familiares". Jornal *Leia*, ano VIII, nº 92, junho de 1986, p. 23.
74. "A propósito de malandros e cafajestes na literatura brasileira" - *La Revista del Sur*, nº 3-4/1985, Malmo - Suécia, p. 87-90.
75. "Entre a Tradição e a Modernidade" - Uma análise do poema "Dispersão" de Mario de Sá Carneiro (co-autoria com Carlos Vogt). Revista *Trilhas*, Instituto de Artes da Unicamp, ano I, nº 1, 1987, p. 1-22.
76. "O Mágico Cerco". Jornal *Leia*, ano IX, nº 104, junho de 1987, p. 19-20.
77. Co-organizadora ( com Carlos Vogt) de 2 números sobre Literatura Brasileira da Revista *Escritura* (Venezuela), nº 27, janeiro-junho 1989, nº 28, julho-dezembro de 1989.
78. Co-autora da apresentação da Revista *Escritura* (Venezuela), nº 27.  
- "Nelson Rodrigues en escena" (co-autoria com Carlos Vogt). Revista *Escritura*, nº 28, p. 477-407.
79. "La narrativa de Dalton Trevisan: un pedazo en bruto de vida". Revista *Escritura*, nº 28, p. 365-375.
80. Dalton Trevisan: "Pão e Sangue", Revista *Colóquio Letras*, nº 103, maio/junho, 1988.
81. "Farsa, ironia e pastiche enformam contos de Sérgio Sant'Anna". Jornal *Folha de São Paulo*, Caderno Livros, 25/03/89, p.43.
82. "A poesia de Manoel de Barros: uma gramática expositiva do chão" Caderno *Idéias*, nº 139, em *Jornal do Brasil*, RJ, 27 de maio de 1989, p.4-5.

83. "A Orelha de Van Gogh: qual delas?" Caderno *Idéias* nº 147, em *Jornal do Brasil*, RJ, 22 de julho de 1989, p.4-5-.
84. "Eppur, si muove" (em co-autoria com Vilma Arêas). Revista *Remate de Males*, nº 9, 1989, p.161-171.
85. "O exílio em terceira língua" - Caderno *Idéias*, nº 156, em *Jornal do Brasil*, RJ, 23 de setembro, 1989, p. 4-5..
86. "Hilda Hilst: O excesso em dois registros" (em co-autoria com Vilma Arêas). Caderno *Idéias*, em *Jornal do Brasil*, RJ, 07/10/89, p. 4-5.
87. "Orelha" de apresentação de *Vivenda*, poesia de Maria Lúcia Alvim. SP: Duas Cidades (Coleção Claro Enigma), 1989.
88. "Cara e Coroa" - Revista *Remate de Males*, nº 7. (organização: Antônio Arnoni Prado), Deptº. Teoria Literária, Unicamp, 1989.
89. "Hilda Hilst/o excesso em dois registros". *Jornal do Brasil*, Caderno *Idéias*, 7/10/89, p.4-5.
90. "Via de Mão Dupla" Revista *Remate de Males*, nº 8. (organização: Haquira Osakabe),. Deptº Teoria Literária, Unicamp, 1988.
91. "Dalton Trevisan reúne 15 contos em "Vozes do Retrato". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 3 de dezembro de 1991, p. 21.
92. "Poesia de Barros apalpa as intimidades do mundo". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 10 de dezembro de 1991, p. 23.
93. "Cenas da Vida Minúscula". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 31 de dezembro de 1991, p. 22.
94. "O iluminismo de Calvino pendurado nas árvores". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 14 de janeiro de 1992, p. 24.95. "Antologia reúne poetas do Caribe". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 21 de janeiro de 1992, p. 19.
96. "Livro de Rodrigué é um romance cheio de graça". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 4 de fevereiro de 1992, p. 18.
97. "Via de Mão Dupla". Anais do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos - Secção Brasileira, Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, Porto - Portugal, fevereiro de 1992, p. 73-80.
98. "Dalton Trevisan faz a síntese da guerra conjugal em *Pão e Sangue*". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 21 de abril de 1992, p. 17.
99. "Marquesa d'O' diminui vazios da tradução de Kleist no país". *Jornal Correio Popular*, Arte e Lazer, Campinas, 5 de maio de 1992, p.21.

100. "Marlyse Meyer escreve entre a Europa e o Brasil". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Arte e Lazer, Campinas, 12 de maio de 1992, p. 18.
101. "A Geração da Terra" reúne os escritores que fundaram Israel. *Jornal Correio Popular*, Suplemento Arte e Lazer, Campinas, 19 de maio de 1992, p. 18.
102. "Notícias, citações e amargura são a matéria de Vilma Arêas" (Entrevista com Vila Arêas). *Jornal Correio Popular*, Suplemento Arte e Lazer, 25 de maio de 1992, p. 14.
103. "Ambigüidade de Bentinho permite interpretações diversas de Capitu". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Arte e Lazer, Campinas, 02 de junho de 1992, p. 18.
104. "A Língua Absolvida: Elias Canetti". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 10 de março de 1992, p. 20.
105. "A respeito de Contemplação e o Foguista, de Franz Kafka". *Jornal Correio Popular*, Suplemento Artes e Variedade, Campinas, 31 de março de 1992, p. 18.
106. "Ah, é? 187 haicais"- Caderno Cultura G, Ed. *Gazeta do Povo*, Curitiba, de março 1994, p.6.
107. "O Exílio em Terceira Língua", Revista: *Leitura: Teoria & Prática*, Associação de Leitura do Brasil. Campinas - SP., vol. 23, junho de 1994, p.3-6.
108. "Decifrar Clarice" *Jornal de Resenhas, Folha de São Paulo*, 1/05/1995 - p.3.
109. "O Livro das Ignorâncias" (sobre a poesia de *Manoel de Barros*) - Revista *Colóquio Letras*, 135/136 - janeiro-junho, 1995.
110. "Cara e Coroa" - in *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. SP, v. 52, 1994.
111. "O curto infinito de Trevisan" - Caderno *Mais, Folha de São Paulo*, 15/01/95 - p.11.
112. "Trevisan descarna a narrativa" - Caderno *Mais, Folha de São Paulo*, 03/04/1994 - p.10.
113. "El imperio de las pasiones: una lectura de las novelas folletín de Nelson Rodrigues" - *Revista de Extremadura*, maio - Agosto de 1993 - nº 11, p.39-52.
114. "123 Haicais: Narrativas Esquartejadas", *UNILETRAS*, nº 16, Univ. Estadual de Ponta Grossa, Dezembro/1994, p. 155-160.
115. "Orelha" de apresentação do Livro de Poesia *Coágulos*, de Álvaro Faleiros. São Paulo: Iluminuras Ltda, 12/1995.
116. "A Sombra e a Multiplicidade", *Correio Popular*, Caderno C, 05/08/96, p.1.
117. Mínimo Múltiplo: del cuento al haikai de Dalton Trevisan. Revista *Universidad de México*. Revista de la Universidad Nacional Autónoma de México, nº 549, outubro de 1996, p. 16 a 20.

118. "Figurações da Margem: anotações sobre o texto de Nelson Rodrigues". Revista *Travessia*, Revista do curso de Pós-Graduação em Letras da Univ. Fed. de Santa Catarina, n. 28, julho de 1996, pp. 129 a 158.
119. "Orelha" do livro *Figuração de um dândi*, de Orna Messer Levin. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
120. "Contos de Amor", resenha do livro de SCh. Agnon (SP; Ed. Perspectiva, 1996) *O Estado de São Paulo*, Caderno Cultura, 1 de julho, 1997.
121. "Mínimo múltiplo: do conto ao haicai", Revista *L.E.T.R.A.S.* nº 14, RGS, Santa Maria, 1997.
122. "A retórica do silêncio em Clarice Lispector", Revista *Tempo Brasileiro*. nº 128, RJ, 1997.
123. Resenha de *Livro Sobre Nada*, na Revista *Colóquio Letras*, nº 143, Lisboa, 1997.
124. "O Império das Paixões: uma leitura dos romances folhetins de Nelson Rodrigues", em *Cadernos Pagu*. (8/9) Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp/Campinas, 1997.
125. "Uma visão do judaísmo e marginalidade no Brasil", em *Revista Noaj*. nºs 12-13, Jerusalém, dez., 1997.
126. "O ponto cego: uma visão do judaísmo em *Abama*, de Samuel Rawet". Anais do 5º Congresso Abralic, vol.2 Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1998.
127. "A Superfície limpa da forma"- *Jornal Folha de São Paulo* (Caderno de Resenhas). 10 de outubro, 1998.
128. "Um bom retiro no Xingu" – *Jornal Folha de São Paulo* (Caderno de Resenhas), 3 de agosto, 1998.
129. "Ahasverus: o judeu errante e a errância dos sentidos" in *Letterature D'America* (Rivista Trimestrale), Balzoni Editore, Facoltà di Lettere e Filosofia del L'Università di Roma "La Sapienza". Anno XVI, nº 66, 1999, p. 5-20.
130. *A Majestade do Xingu*, de M. Scliar. In Revista *Brasil/Brazil*. Nº 19, Ano 11, 1998, p.138-145.
131. "Quem fala? Vozes de um sujeito desautorizado". In Revista *Ficções*. Sette Letras, 2º sem./1999, Ano II, nº 4, p. 93-102.
132. Resenha de *Trouxa Frouxa*, de Vilma Arêas. *Jornal O Estado de São Paulo*, "Caderno 2", 29 de julho, de 2000, p. D5.
133. "Orelha" do livro *Memorial de um Herege*, de Samuel Reibscheid. São Paulo: Ateliê, 2000.

134. Resenha do livro *O que aconteceu, aconteceu*, de Jacó Guinsburg. *Jornal O Estado de São Paulo*, “Caderno 2”, 4 de novembro, de 2000, p. D6.

135. “A Majestade do Xingu”, de Moacyr Scliar. *Revista A Hebraica*. São Paulo, maio de 2000, n.459, ano XLI, pp. 51-54.

136. Entrevista com Samuel Reibscheid: *Revista A Hebraica*. São Paulo., ag. de 2000, n.462, ano XLI, pp. 42-47.

137. “A construção do judaísmo no Brasil – a partir de *O que aconteceu, aconteceu*, de Jacó Guinsburg”. *Revista Herança Judaica*, n.109, abril, 2001, pp. 37-38.

138. “A experiência do horror” (em co-autoria com Valéria De Marco). *Cult* n. 53 (Revista Brasileira de Literatura), Ano V, dezembro, 2001, pp.14-20.

139. “Dentro da História/ Fora da Lei: as articulações entre público e privado nos romances folhetins de Nelson Rodrigues”. *Revista Metamorfoses 2*. UFRJ: edições Cosmos e Cátedra Jorge de Sena, set. 2001, pp. 135-143.

140 “Dos Pampas à Terra Prometida”. *Revista 18* (Centro de Cultura de Israel) Ano I, n.1, julho 2002, pp.48-50.

141“Xeque Mate: O rei, o cavalo e a barata, em *A Paixão Segundo G.H.*” *Revista Travessia* , n.39 (revista de literatura/Florianópolis, jul-dez , 2002.) Edit. UFSC, pp.149-167.

ISSN 0191-9570

142.“Comer a romã/contar a romã”.*Revista rodapé* (crítica de literatura brasileira contemporânea), n.2/agosto, 2002, nankin editorial, pp. 102-114.

ISBN 85-86372-44-7

143.“Que foi que ele disse?” *Boletim Informativo AHJB* (Arquivo Histórico Judaico Brasileiro)Ano VI, n. 26, 2 semestre 2002, pp. 30-35.ISSN 1519-1109

144. Programa de 1 hora sobre Clarice Lispector TV Cultura e Arte – Apresentação 17, 15, 14 de novembro, 2002.

#### IX. Pesquisas realizadas e em andamento

1. Levantamento de autores e obras literárias da África Portuguesa. Estudo das obras. Elaboração de verbetes. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. (completada)

2. Estudo do teatro português. Parte desta pesquisa foi aproveitada em tese de mestrado que trata, além da poesia, do teatro de Antônio Patrício. (completada)



3. Pesquisa em torno da obra de Dalton Trevisan. Tese de doutoramento defendida em 21/12/1981. (completada)
4. Pesquisa em torno da figura do cafajeste na literatura brasileira. (completada).
5. Pesquisa realizada no período de 1982 e 1º semestre de 1983: Estudo da obra de Clarice Lispector. (completada)
6. O Teatro Ídiche em São Paulo. (em andamento).
7. O modo de constituição do sujeito na lírica contemporânea brasileira. (completada).
8. Estudo dos folhetins de Nelson Rodrigues. (completada).
9. Literatura e imigração judaica no Brasil (em andamento).
10. Estudos sobre a literatura hebraica moderna e contemporânea (em andamento).
11. Prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX (em andamento).

#### X. Bolsas para pesquisa

1968 - Bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

1970 - Bolsa da Instituição K. Goulbenkian.

1992 - Bolsa Pesquisa - CNPq.

1995-1997 - Bolsa Pesquisa - CNPq.

1997-1999 - Bolsa Pesquisa - CNPq.

1999-2001 – Bolsa Pesquisa – CNPq.

2001-2003 – Bolsa Pesquisa - CNPq

#### XI. Assessoria Científica

Assessora *ad hoc* da Fapesp

Assessora *ad hoc* do CNPq

Assessora *ad hoc* da Capes

Assessora *ad hoc* do FAEP

Membro do Conselho Editorial da Revista *Travessia/UFSC*

Membro do Conselho Editorial da Revista *Vértices/USP*

Membro do Conselho Editorial da Revista *Palimpsesto - UFRJ*

Assessora *ad hoc* da Revista *Cadernos Pagu/ Núcleo de Estudos de Gênero/ Unicamp*

Membro da Cordenação de Área da Fapesp – 1989-1993

#### XII – Participação em Bancas de tese e de Concursos

##### Mestrado/Doutorado

25/09/86 - Maria Lídia L. Maretti (Mestrado/Unicamp)

23/06/88 - Leila Terezinha S. Rensi (Mestrado/Unicamp)

27/02/89 - Carlos Eduardo S. Capella (Mestrado/Unicamp)

06/07/89 - Orna Messer (Mestrado/Unicamp)

28/06/91 - Eustáquio Teixeira Gomes (Mestrado/Unicamp)

26/06/92 - Luís Antônio Contatori Romano (Mestrado/Unicamp)

30/04/92 - Alexandre Soares Carneiro (Mestrado/Unicamp)

17/08/93 - Tânia Pellegrinni (Doutorado/Unicamp)

11/07/93 - Eliana Pedroso Vitelli (Mestrado/Unicamp)

07/04/94 - Regina Lucia Pontieri (Doutorado/Usp)

20/12/94 – Marcelo Mott Peccioli Paulini (Mestrado/Unicamp)

13/06/95 - Paola Maria Felipe dos Anjos (Mestrado/Unicamp)

23/06/95- Hélio Seixas Guimarães (Mestrado/Unicamp)

23/08/96 - Wilton José Marques (Mestrado/Unicamp)

10/07/96- João Carlos Alfredo (Mestrado/Campinas)

19/08/96 – Sônia Yoshie Nakagawa (Mestrado/Unicamp)

18/02/98 - Sara Fang (Mestrado/Usp)

20/03/98 - Gilberto Figueiredo Martino (Mestrado/Usp)  
20/01/98 - Marly Catarina Soares (Mestrado/Unicamp)  
10/03/98 – Miguel Sanches Neto (Doutorado/Unicamp)  
27/04/99 – Adriana dos Santos Romero (Mestrado/Usp)  
10/02/99 – Cláudia Anaf (Mestrado/Usp)  
01/11/99 – Davi Litman Bogolometz (Mestrado/Usp)

11/09/00 – Eliana Rosa Langer (Doutorado/Usp)  
17/10/00 – Saul Kirschbaum (Mestrado/Usp)  
21/12/00 – Moacir Amâncio (Doutorado/Usp)  
27/12/00 – Sueli de Jesus Monteiro (Mestrado/ UFSC)  
08/01/01 – Tânia Baibich (Doutorado- Psicologia Social/Usp)  
19/02/01 – Emília Amaral (Doutorado- Educação/Unicamp)  
25/05/01 – Enrique Mandelbaum (Doutorado/Usp)  
09/05/01 – Adriana Blay Levitski (mestrado/Usp)  
25/09/01 - Hélio de Seixas Guimarães (doutorado/Usp)  
05/12/01 – Leopoldo Osório arvalho de Oliveira (mestrado/Usp)  
19/12/01 - Jane Bichmacher de Glasman (doutorado/Usp)

#### Exames de Qualificação

12/03/85 - Maria Lídia L. Maretti (Mestrado/Unicamp)  
14/10/87 - Leila Terezinha S. Rensi(Mestrado/Unicamp)  
23/12/88 - Carlos Eduardo Sch. Capella(Mestrado/Unicamp)  
01/06/89 - Orna Messer (Mestrado/Unicamp)  
30/04/91 - Eustáquio Teixeira Gomes(Mestrado/Unicamp)  
22/11/91 - Luís Antônio Contatori Romano(Mestrado/Unicamp)  
22/03/92 - Tânia Pellegrini (Doutorado/Unicamp)  
04/07/94 - Dany Al-behy Kanaan (Mestrado/PUC-SP)  
01/ 04/94 - Helio de Seixas Guimarães (Mestrado/Unicamp)  
02/12/94 - Paola Maria Felipe dos Anjos(Mestrado/Unicamp)  
13/09/95 - Tânia Aysesteyn Furman ( Mestrado/Usp)  
12/05/95 - Ester Wayskop Terdiman ( Mestrado/Usp)  
19/04/96 – Wilton José Marques (Mestrado/Unicamp)  
23/09//96 - Sara Fang (Mestrado/Usp)  
04/09./97 - Marly Catarina Soares (Mestrado/Unicamp)

27/05/97 – Miguel Sanches Neto (Doutorado/Unicamp)  
 28/11/97 – Enomar Bonfim Rocha ( Mestrado/Usp).  
 05/08/98 – Júlio Augusto Xavier Galharte ( Mestrado/Usp).  
 22/06/98 – Vinícius Lopes Passos ( Mestrado/Unicamp).  
 11/02/99 – Alexandre Leoni ( Mestrado/Usp).  
 26/02/99 – Adriana Blay Levitsky (Qualificação Mestrado/Usp)  
 22/06/99 – Maria Lúcia Homem ( Doutorado/Usp)  
 05/10/99 – Hélio de Seixas Guimarães ( Doutorado/Unicamp)  
 12/11/99 – Wilton José Marques (Doutorado/Usp)  
 26/06/01 – Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira

#### Bancas de Concurso

04-06/03/1991 – Concurso para Provimento de Cargo de professor Assistente-Doutor, na Área de Literatura Portuguesa do Departamento de Teoria Literária da Unicamp.

12-14/08/98 - Concurso para Provimento de Cargo de Professor Adjunto em Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina.

17-18/11/99 - Concurso para Provimento de Cargo de Professor Assistente-Doutor, na Área de Literatura Brasileira do Departamento de Teoria Literária da Unicamp.

06/03/02 – Concurso para Professor Doutor, Departamento Letras Orientais, Área: Língua e Literatura Hebraica, USP

13/03/02 – Concurso para Professor Doutor, Departamento de Letras Orientais, Área: Língua e Literatura Hebraica, USP

16-18/12/02- Concurso público para provimento de um cargo para professor doutor no DLO, área de Língua e Literatura Hebraica, USP>

#### XIII. Orientação de alunos

##### Mestrado

1. João Carlos Alfredo (tese defendida)
2. Carlos Eduardo Schmidt Capela (tese defendida)
3. Fernando Bandini (desligado)
4. Hélio Guimarães (tese defendida)

5. Paola Maria Felipe dos Anjos (tese defendida)
6. Yara Denadai (desligada)
7. Vinícius Lopes Passos (matrícula trancada)
8. Wilton José Marques (tese defendida)
9. Adriana Blay Levisky (tese defendida)
10. Adriana dos Santos Romero (tese defendida)
11. Saul Kirchbaum (tese defendida)
12. Míriam Kleingesinds
13. Maria Inez Perolin
14. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira (tese defendida)
15. Dora Landa
- 16 Marina dos Santos
- 17 Luana Chnaiderman

#### Doutorado

1. Leila Rensi (matrícula trancada)
2. Carlos Eduardo Schmidt Capela (tese defendida)
3. Miguel Sanches Neto (tese defendida )
4. Daysi Wainberg
5. Hélio de Seixas Guimarães (tese defendida)
6. Suzana Chwartz
7. Adriana dos Santos Romero
8. Niels Cartus
9. Saul Kirschbaum

#### Iniciação Científica

1. Alexandre Caroli Rocha (terminada)
2. Adriana Silveira (terminada)
3. Fabiana Soares de Camargo Victor.(terminada)
- 4.César André Kotchetkoff(terminada)
5. Daniel de Jesus

São Paulo, 20 de dezembro, de 2002.

Profa. Dra. Berta Waldman